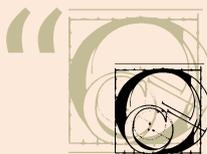


EDITORIAL



Como os índios têm sido vistos tradicionalmente em nossa história?”¹ O questionamento abre o primeiro capítulo do livro “Os índios na história do Brasil”, de Maria Regina Celestino de Almeida. Preocupada em tomar a noção de cultura num sentido antropológico, como um produto histórico, dinâmico e flexível, a pesquisadora ressalta a importância de apreendermos “como homens e mulheres vivem suas experiências”, sem, é claro, tomarmos as “estruturas culturais” como “malhas de ferro” que impossibilitam os sujeitos de agirem fora delas.² No decorrer da obra, a estudiosa lança mão das ideias de apropriação e ressignificação cultural para sustentar interessante argumento, qual seja: “participar intensamente da sociedade dos brancos e aprender seus mecanismos de funcionamento não significa deixar de ser índio e sim a possibilidade de agir, sobreviver e defender seus direitos.”³

O próprio Campus de Aquidauana (CPAQ), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, é um locus privilegiado para observarmos a força do argumento de Maria Regina Celestino de Almeida. Há muito, indígenas têm integrado a comunidade acadêmica. Nos últimos anos, contudo, a presença tem se intensificado. Em 2010, por meio do Edital PROLIND 2009, teve início o curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, em caráter temporário, com o objetivo de formar professores indígenas para atuarem nas escolas de suas comunidades. Além dos alunos matriculados na segunda turma do referido curso, temos indígenas frequentando os cursos de licenciatura em Biologia, Geografia, História, Letras e Matemática. Atualmente, são 368 discentes indígenas matriculados nos cursos de graduação do CPAQ.

¹ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 13.

² *Ibid.*, p. 21.

³ *Ibid.*, p. 20.

Discutir o fenômeno apontado por Celestino de Almeida é premente, como também sugere o dossiê **História Indígena: campo interdisciplinar renovado**, publicado na presente edição a partir da coordenação das professoras Lára Quelho de Castro (CPAQ/UFMS), Vera Lúcia Ferreira Vargas (CPAQ/UFMS) e Noêmia dos Santos Pereira Moura (UFGD).

Além dos artigos que compõem o dossiê, a edição do segundo semestre de 2017 apresenta três artigos livres e uma resenha que enfoca a obra intitulada **A ditadura espelhada: conservadorismo e crítica na memória didática dos anos de chumbo**, de Janson Ferreira Mafra.

No primeiro artigo livre, Wilian Carlos Cipriani Barom trata das contribuições teóricas do filósofo e historiador alemão Jörn Rüsen, Seu texto busca contribuir com o entendimento de Jörn Rüsen ao sistematizar, de modo didático, os principais conceitos de sua teoria.

Já o trabalho escrito em conjunto por Vera Lucia Gomes e Valdênia Fernandes Eleotério intenciona refletir sobre a educação no campo, abordando alunos e professores da zona rural de Aquidauana-MS.

O artigo seguinte é da mestranda Linive de Albuquerque Correa. Além de discutir a chamada renovação da história política, a pesquisadora debate a relação entre história e jornalismo, particularmente a mídia como fonte e/ou objeto de estudo.

Para o próximo ano, Albuquerque receberá contribuições para os dossiês **Patrimônio, cultura material e imaterial: diálogos e perspectivas** (n.º 19) e **América Latina em perspectiva: política, subjetividade e fricções** (n.º 20). Até lá, convidamos você a entrar o contato com o material aqui apresentado.

Uma ótima leitura!!!

Aquidauana, dez. 2017.

Carlos Martins Junior,
Edvaldo Correa Sotana
Miguel Rodrigues de Sousa Neto
Conselho Editorial